

CURRÍCULO E CULTURA NA ESCOLA DE SURDOS: DESAFIOS E TENSÕES EMERGENTES NO ESTÁGIO

MORGENSTERN, Juliane Marschall – UFSM
jujucamorg@yahoo.com.br

Área Temática: Currículo e saberes
Agência Financiadora: Não contou com Financiamento

Resumo

O referente trabalho busca discutir acerca de alguns elementos que se relacionam a cultura e a produção das identidades de alunos surdos a partir da problematização do cenário curricular da escola de surdos. O concernente trabalho realizou-se ao longo do Estágio Curricular Supervisionado que ocorreu no Curso de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria. O estudo em questão aconteceu em uma escola de surdos na cidade de Santa Maria - Rio Grande do Sul, durante o segundo semestre do ano de 2005 com alunos do 2º ano de referência do 3º ciclo. A partir das decorrências em sala de aula condizentes às implicações da língua de sinais e da língua escrita na constituição dos alunos, percebeu-se a centralidade da cultura no ambiente escolar e curricular. Aqui se pode destacar a relação de dois alunos com o uso da língua de sinais e da língua portuguesa na modalidade escrita no decorrer das aulas, o que ficou em evidência nos apontamentos feitos no Diário de campo, utilizado diariamente na realização do trabalho de pesquisa. As recorrências levaram ao delineamento dos objetivos de estudo, lançando a investigação no sentido de verificar as influências do campo curricular na formação das identidades dos alunos surdos. Como aporte teórico foram utilizados os estudos de Hall (1997; 2000) no que concerne aos elementos culturais e de construção de identidades, principalmente aqueles que abordam estes processos na contemporaneidade. Na discussão do campo curricular a aproximação se deu a partir do pensamento de Silva (1995), também no que diz respeito às questões que envolvem a diferença, buscando ainda outros autores como Woodward, Ferre e Goldfeld, dentre outros, para pensar sobre as conexões do currículo com a formação das identidades.

Palavras-chave: Currículo; Cultura; Identidades; Educação de Surdos; Estágio.

Cartografando o estudo

As proposições do presente estudo referem-se aos estudos e investigação realizada durante o Estágio Curricular Supervisionado no Curso de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria. O mesmo aconteceu em uma escola para surdos, com alunos do 2º ano de referência do 3º ciclo, na cidade de Santa Maria- RS, decorrendo no segundo semestre letivo de 2005. O estudo em questão procurou vislumbrar elementos da cultura do grupo

surdo, discutindo as possibilidades de construção das identidades no espaço da escola de surdos.

A partir das decorrências em sala de aula condizentes às implicações da língua de sinais e da língua escrita na constituição dos alunos, percebeu-se a centralidade cultural no ambiente escolar e curricular. Aqui se pode destacar a relação de dois alunos com o uso da língua de sinais e da língua portuguesa na modalidade escrita no decorrer das aulas, o que ficou em evidência nos apontamentos feitos no Diário de campo, utilizado diariamente.

Tais recorrências podem ser vistas em descrições, como: “A aluna J¹ faz as atividades com rapidez e compreensão dos sinais e significados”; “Nestas situações vê-se que os alunos J e L² têm facilidade na compreensão das palavras escritas em português e uma ótima fluência em língua de sinais. Estes aspectos dos alunos aparecem em outros momentos [...]” e também em “Observa-se que L e J têm uma ótima fluência na língua de sinais e compreensão do significado das palavras. Também conseguem relacionar a palavra escrita com o sinal tendo um bom desempenho na língua portuguesa escrita”.

Como aporte teórico foram utilizados os estudos de Hall (1997; 2000) no que concerne aos elementos culturais e de construção de identidades, principalmente aqueles que abordam estes processos na contemporaneidade. Na discussão do campo curricular a aproximação se deu a partir do pensamento de Silva (1995), também no que diz respeito as questões que envolvem a diferença, buscando ainda outros autores como Woodward, Ferre e Goldfeld, dentre outros, para pensar sobre as conexões do currículo com a formação das identidades.

Os processos de construção de Identidades

Pensar a construção de identidade é de extrema importância para buscar elementos que levem a pensar nos processos que enredam o desenvolvimento e constituição do ser humano. Trata-se de um tema instigante que traz consigo muitas questões, como: O que é identidade? Que fatores influenciam a sua construção?

Ao direcionar esse questionamento para a educação de surdos é preciso considerar as características e situações específicas vividas por esses sujeitos.

A identidade passa por mudanças e se transforma, sendo influenciada pelas várias interações estabelecidas pelos próprios sujeitos que também modificam-se. Assim, essas

¹ Letra usada para fazer referência à aluna surda participante deste estudo, a fim de evitar a exposição da mesma.

² Letra usada para fazer referência ao aluno surdo participante deste estudo, a fim de evitar a exposição do mesmo.

interações diversas geram muitas representações que vem a contribuir para o processo de construção da identidade.

Mas afinal, o que se entende por identidade?

Nos diferentes campos do conhecimento como a sociologia e a filosofia existem estudos que abordam o tema identidade. Segundo descrição de Hall (1997), existem três conceitos de identidade na história, que são: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

Conforme Hall (1997, pg.11),

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo- contínuo ou “idêntico” a ele ao longo da existência do indivíduo.

Já na visão sociológica a identidade era construída nas relações sociais significativas para o homem. Este se constituía nas interações com os sujeitos num processo sócio-cultural.

Considerando Hall (1997), quanto ao sujeito sociológico, a identidade se forma na “interação” do “eu” com a sociedade, situação que requer um diálogo contínuo com a cultura, que se encontra num mundo social “exterior” e as identidades que participam deste espaço social.

Esta traça uma ligação entre o sujeito e a estrutura, dando estabilidade ao indivíduo e mundos culturais em que vive. Com o passar do tempo ocorrem algumas mudanças e o sujeito primeiramente estável vai se tornando fragmentado.

Seguindo o pensamento do autor, (Hall 1997, pg.13)

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.

Assim, o sujeito pós-moderno assume diferentes identidades que podem ser contraditórias, temporárias, assumindo diferentes posições em momentos variados.

Ainda sob este enfoque, as vivências sociais geram variadas experiências, onde os sujeitos trocam saberes, adquirem papéis e são representados pelos outros, constituindo dessa forma suas identidades.

Para Perlin (1998, pg.58), “A identidade é algo em questão, em construção, uma construção móvel que pode freqüentemente ser transformada ou estar em movimento, e que empurra o sujeito em diferentes posições”.

Importa lembrar que o período histórico que se vive traz uma visão de mundo, de “normalidade” e o discurso cultural dominante. Este nos leva a pensar acerca do outro e de nós mesmos de acordo com a concepção histórica de verdade que é posta socialmente.

Placer (2001, pg.82) reflete acerca do próprio homem:

[...] não desejamos viver sem especificar o indivíduo próprio e o alheio, o que nos une e nos separa, o que nos diferencia e nos iguala. E, assim, nós, dependentes do tempo e da identidade, nos apropriamos, cobiçamos, tutelamos e dilapidamos - quase sempre ao mesmo tempo- nossa memória, nossas esperanças e nossa história; dependentes da identidade e do tempo, nós inevitavelmente fazemos contas e espalhamos contos sobre aquele que conta, sobre o somos, o que nos precedeu e o que nos espera.

Dessa forma, a humanidade cria e recria representações sobre si própria e sobre o outro. Elabora discursos com relação aos diferentes grupos que existem na sociedade, onde o grupo majoritário dispõe de muita força. A todo momento o homem participa desse processo sócio-cultural que é dinâmico, construindo conceitos ou “verdades sociais” a respeito dos diversos grupos, das diferenças e de si mesmo.

O discurso produzido reflete a posição sócio-cultural e as vivências de mundo do sujeito que o emite, definindo sua identidade de acordo com este, que pode sofrer modificações e ser redefinido.

A vida em sociedade acontece por meio da cultura, que é entendida como um conjunto de significados necessários à vida social, que confere sentido a vida do homem. Assim, a cultura atribui significados às próprias práticas sociais, criando representações acerca dos diversos grupos sociais.

Para Machado (2002, pg.12),

A cultura define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser, por isso, assume um papel importante e explicativo no “pensar” dos seres humanos [...]

Na cultura existem várias representações e relações sociais que se dão em diferentes lugares e momentos. Estas relações comportam um tipo ou mais de identidade que se encontra na base das trocas sociais.

Vê-se que o sujeito em contato com diferentes culturas e discursos estabelecerá diversas identidades que lhe são possíveis através da língua e cultura que vivencia. Essa é uma construção permanente, onde o indivíduo se define constantemente.

Sendo assim, as identidades são influenciadas pela política, cultura, língua, conforme as significações que lhe são atribuídas. Também apresentam um caráter próprio ao grupo em que é gerada e se torna parte, ou seja, tem as características de um determinado grupo de acordo com a cultura e visão de mundo deste.

Percebe-se então a diferença nos discursos concernentes aos diversos grupos sociais, o que acarreta uma divisão, um distanciamento de valores, idéias, experiências, enfim. Tem-se a partir de então, grupos formados pela diferença cultural, onde os sujeitos têm interesses específicos, comuns, que os leva a lutar por objetivos próprios e estabelecer uma identidade condizente com o grupo.

Segundo Machado (2002, pg.13),

Se a identidade é marcada pela diferença, a diferença poderá basear-se numa língua e cultura distinta. A língua é utilizada como forma comunicativa nas e para as relações culturais que determinam não só a estruturação de um grupo social, distinguindo-o dos demais, mas atribui a esse grupo e a seus membros o seu comportamento, sua forma de agir, de pensar, de posicionar-se. Enfim, sua forma de atuar e classificar o mundo, dando um significado próprio a ele e exercendo também um papel peculiar nele.

Dessa forma, a comunidade surda vem a ser um grupo que se forma na diferença. Esta pode ser vista na cultura e principalmente na língua, que é específica desta comunidade, que é a língua de sinais. A língua vem a ser um fator que constitui e determina a identidade e a integração, participação em uma comunidade. Acerca da língua de sinais, Goldfeld (2002, pg.53), coloca:

As línguas de sinais apresentam características bastante próprias, além do conteúdo e da situação sócio-histórica, devido ao fato de ser uma língua espaço-viso-manual e utilizar aspectos espaciais diferentes das línguas orais.

A língua é transmitida historicamente de uma geração a outra através da interação das pessoas de uma comunidade. O mesmo acontece com a língua de sinais, que é “passada” por sujeitos surdos que fazem parte dessa comunidade surda, construindo assim, suas identidades surdas. Esta tem uma grande importância na constituição das identidades por ser um instrumento de força, identificação e de formação política e social desses sujeitos.

Como nos coloca Goldfeld (2002), o processo de aprendizagem da língua para a criança surda acontece de maneira diferente da criança ouvinte, devido a modalidade da língua de sinais ser espaço-viso-manual, como já foi colocado. Essas diferenças na aquisição da língua são determinantes para desenvolver o pensamento e cognição da criança.

A surdez traz diversas questões que precisam ser consideradas ao se abordar as identidades surdas, dentre elas estão a língua, a cultura, os valores da comunidade surda. Além disso, as relações de poder, a diferença, enfim, se colocam com uma grande força e permeiam as identidades do sujeito surdo.

O Currículo na Formação da Identidade Social

Ao refletir acerca da educação, percebe-se que o currículo está envolvido, em suas múltiplas formas na produção do social.

Para investigar a influência deste na formação da identidade social dos sujeitos é preciso buscar alguns conceitos e relações entre currículo, identidade e poder. Assim, será possível discutir as repercussões do campo curricular no processo de construção de identidade dentro do contexto escolar.

A escola realiza seu projeto assumindo a função de preparar os indivíduos para a vida em sociedade, para o exercício da cidadania e transformação social. Historicamente, a instituição escolar incorporou esse papel formativo e o exerce gerando um tipo de sujeito, de identidade. Nesse sentido, Ferre (2001, p.196) diz que:

[...] a educação impõe, a si mesma, o dever de fazer de cada um de nós alguém; alguém com uma identidade bem definida pelos cânones da normalidade, os cânones que marcam aquilo que deve ser habitual, repetido, reto, em cada um de nós.

Pode-se salientar que o currículo vem a ser e constitui-se enredado em relações que se dão em espaços sociais, já que a produção de conhecimento acontece a partir de relações entre pessoas. Lembrando também que este conhecimento, sendo produzido por meio destas relações, implica por sua vez, em relações de poder. Conceber o currículo a partir dessas relações, experiências e práticas permite perceber a sua abertura a diferentes construções e produções.

Como nos traz Silva (1995), o currículo é construído e constrói num processo dinâmico e precisa ser visto em suas ações e efeitos. Ao mesmo tempo em que o currículo é

feito por aquilo que professores e estudantes fazem com as coisas, são também essas coisas que fazem os professores e estudantes, ou seja, ambos se influenciam mutuamente.

Sendo assim, apesar das relações de poder que as ações do currículo trazem, ao entrar em contato com estas pode-se contestá-las, negá-las, enfim, agir sobre elas. Mas somos também produzidos pelo currículo, de muitas e particulares formas que dependem de determinadas relações de poder.

O currículo, então forma os sujeitos em suas particularidades. As narrativas que acompanham o currículo, muitas vezes implicitamente, trazem idéias particulares sobre conhecimento, estrutura e diferentes grupos sociais. São elas que legitimam as formas com que o conhecimento deve acontecer, que apontam o que é certo ou não, belo ou feio, enfim. Também colocam uma representação diferente de cada grupo social, valorizando ou excluindo as práticas e culturas vividas por estes grupos. Dessa maneira instituem seu entendimento particular com relação aos mais diversos assuntos.

A esse respeito, Silva (1995, p.196) diz:

Há, dessa forma, um nexó muito estreito entre currículo e aquilo em que nos transformamos. O currículo, ao lado de muitos outros discursos, nos faz ser o que somos. Por isso, o currículo é muito mais que uma questão cognitiva, é muito mais que construção do conhecimento, no sentido psicológico. O currículo é a construção de nós mesmos como sujeitos.

O currículo está estreitamente vinculado a identidade social por meio do poder. Este não é externo, não está fora do currículo e sim no seu interior. O poder que está implícito no currículo se dá por meio das divisões entre os saberes que “precisam ser aprendidos” e aqueles que “não precisam”, daquilo que é incluído ou excluído e das conseqüentes divisões dos grupos sociais.

O currículo então, é uma forma de representação que produz identidades sociais e é neste processo que o vínculo de representação e poder se realiza. Conforme Pedra (2001), as representações direcionam as condutas sociais na medida em que trazem imagens articuladas de situações e estas conduzem as relações sociais. A representação produz significados que posicionam os sujeitos e dá sentido àquilo que este vem a ser e ao que faz. A representação entendida em seu processo cultural, forma identidades individuais e coletivas.

Os significados das representações por serem indeterminados e instáveis podem então ser contestados e modificados, transformando o campo curricular num espaço de luta por representações. É dessa forma que o currículo vem a ser um grande formador de identidades,

construindo um tipo de sujeito e se reconstruindo a partir desse sujeito nas relações que estabelece.

Segundo Silva (1995 p.202):

Ao determinar quem está autorizado a falar, quando, sobre o quê, quais conhecimentos são autorizados, legítimos, o currículo controla, regula, governa. O conhecimento inscrito no currículo não pode, assim, ser separado das regras de regulação e controle que definem suas formas de transmissão.

Entende-se então que na passagem dos conhecimentos não há neutralidade, ou seja, as ações que envolvem o campo curricular não são neutras. Sendo assim, é possível verificar as formas com as quais o currículo se põe em ação, podendo questionar os significados produzidos no seu campo, no sentido de se colocar em disputar e de negociar tais significados.

O currículo pode ser entendido como uma narrativa que tem uma visão de mundo própria, além de outras narrativas em que estão a Ciência, a História, a Moral e outras áreas do conhecimento.

Para Silva (1995, p.206),

Reconhecer o currículo como narrativa e reconhecer o currículo como constituído de múltiplas narrativas significa colocar a possibilidade de desconstruí-las como narrativas preferidas, como narrativas dominantes. Significa poder romper a trama que liga as narrativas dominantes, as formas dominantes de contar histórias, à produção de identidades e subjetividades sociais hegemônicas.

Neste enfoque, as narrativas podem ser vistas como abertas e múltiplas, produzindo identidades contra-hegemônicas, diferenciadas.

Torna-se relevante, assim, uma abordagem mais ampla com relação a questão curricular na formação da identidade social, já que ela está estreitamente ligada a produção de subjetividades. A medida em que novas descobertas e tentativas possibilitarem a reconstrução das práticas curriculares, os sujeitos também se modificação, produzindo outros sentidos e sendo produzidos de diferentes formas no e pelo território curricular.

A partir do currículo, as representações são atribuídas e se fortalecem através de um discurso e práticas específicas. Segundo Hall (2000, p.109),

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e

institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas.

Aí se podem enfatizar as peculiaridades de cada instituição escolar quanto ao discurso que seu currículo produz e práticas construídas e transformadas por ações também peculiares. Em razão da centralidade do currículo nesse processo, as discussões acerca do tema ganham destaque na construção de identidades.

Nesse sentido, Moreira (1997, p.11) coloca que:

O currículo constitui significativo instrumento utilizado por diferentes sociedades tanto para desenvolver os processos de conservação, transformação e renovação dos conhecimentos historicamente acumulados como para socializar as crianças e os jovens segundo valores tidos como desejáveis.

A definição da palavra currículo vem modificando-se ao longo da história e não existe um único entendimento do que este vem a ser. Tem-se, porém, no pós-modernismo uma nova concepção de significado, identidade e política, onde o currículo passa a ser interpretado como um todo significativo, como um instrumento privilegiado de construção de subjetividades.

Segundo Moreira (1997), essa nova visão aponta para o fato de desenvolverem-se representações no currículo codificadas nos documentos a partir de interesses e disputas e decodificadas nas escolas pelos indivíduos, de forma complexa em ambos.

É preciso considerar que a identidade em relação aos sujeitos está em constante processo e baseia-se em reformulações conceituais que sofrem mudanças. Assim, a identidade se altera e transforma, sendo influenciada pelas várias interações, ou seja, pelas trocas estabelecidas pelos próprios sujeitos que também se modificam.

Com o passar do tempo ocorrem algumas mudanças e o sujeito que primeiramente era estável vai se tornando fragmentado, de acordo com as transformações históricas e sociais que se dão na sociedade. Assim, a identidade que era centrada e unificada num “eu” interior e que permanecia a mesma durante toda a vida, vai se tornando fragmentada, múltipla.

Segundo o pensamento do autor, (Hall 1997, p.13):

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.

Assim, o sujeito pós-moderno assume diferentes identidades que podem ser contraditórias, temporárias, assumindo diferentes posições em momentos variados.

Ainda sob este enfoque, as vivências sociais geram variadas experiências, onde os sujeitos trocam saberes, adquirem papéis e são representados pelos outros, constituindo dessa forma suas identidades.

Importa lembrar que o período histórico que se vive traz uma visão de mundo, um discurso cultural dominante, no qual permeiam relações de poder. Isto nos leva a pensar acerca do outro e de nós mesmos de acordo com a concepção histórica de verdade que é posta socialmente, e que implicam as práticas escolares, ou seja, o currículo.

Dessa forma, a humanidade cria e recria representações sobre si própria e sobre o outro. Elabora discursos com relação aos diferentes grupos que existem na sociedade, onde o grupo majoritário dispõe de muita força. A todo momento o homem participa desse processo sócio-cultural que é dinâmico, construindo conceitos ou “verdades sociais” a respeito dos diversos grupos, das diferenças e de si mesmo.

Como coloca Woodward (2000, p.17),

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível àquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas [...]

Sendo assim, a cultura pode ser entendida como um conjunto de significados necessários à vida social, que confere sentido a vida do homem. Assim, ela atribui significados numa construção imaginária construindo o real, do qual é parte.

O currículo é marcado pela cultura em que foi produzido e por isso não contém apenas os conteúdos das disciplinas, sendo constituído também pelas concepções de vida e relações sociais desta cultura.

As diversas representações que a cultura traz são transmitidas por meio do discurso que pode gerar divisões sociais em razão de suas diferenças. Dessa forma, o sujeito em contato com diferentes culturas e discursos poderá estabelecer diversas identidades que lhe são possíveis através de fatores culturais específicos que vivencia.

É nesse sentido que Hall (2000, p.108) diz que as identidades:

[...] não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos.

Nesse contexto, entre os vários aspectos sociais que formam a identidade dos sujeitos, a escola vem a ser a grande construtora das relações deste com o outro e consigo próprio. Institui regras, valores e comportamentos em sua prática pedagógica e inevitavelmente, forma um tipo de sujeito, tendo por base seu campo curricular.

Entendendo o currículo como forma de política cultural, é no espaço da escola que acontece o combate político e cultural que contesta formas de experiências e subjetividades e também as produz ativamente. Por essa razão, o meio escolar é um ambiente de luta por significados culturais e se apresenta assim, como espaço privilegiado para a construção das identidades sociais.

Compreender a luta entre os discursos assimetricamente situados, que permeiam o currículo é de grande importância para a prática dos educadores, já que se referem ao modo com que estes percebem e vêem as experiências dos alunos. Para isso é preciso que os educadores entendam a abrangência do currículo e sua configuração de conhecimentos, relações sociais, valores que legitimam uma forma de ser, de agir.

Notas para finalizar

A discussão acerca da construção da identidade social a partir do currículo permite outra visão a respeito das relações que permeiam a prática escolar.

Ampliar o entendimento das trocas que acontecem no ambiente da escola, das vivências, saberes e atitudes produzidas neste é de grande valor para o planejamento das ações dos educadores frente ao que pretendem com seus alunos.

O currículo, percebido muito além da lista de conteúdos e objetivos que traz, legitima formas de perceber o mundo, institui verdades e saberes por meio de suas narrativas. As narrativas comportam representações que produzem significados a respeito do sujeito e de tudo aquilo que este vive.

Tais significados, por serem instáveis podem ser transformados, modificados, fazendo com que o campo curricular venha a ser um espaço de disputa por representações. Sendo assim, cabe ao educador perceber-se em sua atuação não neutra, buscando refletir acerca das

configurações do cenário curricular e dos elementos que circulam neste espaço, atentando para a centralidade da cultura na formação construção identitária de alunos surdos.

Cabe ressaltar as possibilidades de reflexão e análise trazidas por este estudo, o qual não buscou colocar a cultura surda em oposição a cultura ouvinte, tampouco pretendeu fixar ou idealizar uma identidade surda, a ser construída na escola de surdos. O presente estudo preocupou-se em colocar em questão alguns elementos que vem delineando a educação de surdos na contemporaneidade, como cultura, língua de sinais, comunidade surda e identidades surdas, para então tensionar o campo do currículo em suas produções.

REFERÊNCIAS

FERRE, Nuria Pérez de Lara. Identidade, diferença e diversidade: manter viva a pergunta. IN: LARROSA e SKLIAR, Jorge e Carlos (org). **Habitantes de Babel - políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda**. Linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. 2ª edição. São Paulo: Plexus, 2002.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 1997.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? IN: SILVA, HALL e WOODWARD. Tomaz Tadeu da (org); Stuart e Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MACHADO, Aline Dubal. **As Interações do sujeito com surdez severa e o processo de construção de identidade**. Monografia (Especialização). Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós-graduação em Educação. Santa Maria: UFSM, 2002.

PEDRA, José Alberto. **Currículo, conhecimento e suas representações**. 5ª Edição. Campinas: Papirus, 2001.

PERLIN, Gladis. IN: SKLIAR, Carlos (org). **A surdez - um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PLACER, Fernando González. O outro hoje: uma ausência permanentemente presente. IN: LARROSA e SKLIAR, Jorge e Carlos (org). **Habitantes de Babel - políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo, Utopia e Pós- modernidade. IN: MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa (org.). **Currículo: Questões atuais**. Campinas: Papirus, 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e Identidade Social: Territórios Contestados
IN: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Alienígenas na sala de aula**. Coleção Estudos Culturais em Educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

WOODWARD. Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, HALL e WOODWARD. Tomaz Tadeu da (org); Stuart e Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.